

## 06

**DISTOPIA, MEMÓRIA E CATÁSTROFE EM  
A NOVA ORDEM, DE BERNARDO KUCINSKI<sup>1</sup>**

Rodrigo Cavelagna

*Recebido em 05 fev 2023.**Aprovado em 08 mai 2023.***Rodrigo Cavelagna**

Doutorado em Estudos de Literatura pela Universidade Federal de São Carlos.

Mestre em Estudos de Literatura pela Universidade Federal de São Carlos (2022).

Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Poesia Contemporânea (NEPPOC-CNPq-UFSCar).

E-mail: [rodavelagna@gmail.com](mailto:rodavelagna@gmail.com).Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3526232055819052>.ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-0639-2995>.

**Resumo:** O presente artigo propõe uma análise sobre a composição estética de *A Nova Ordem*, de Bernardo Kucinski (2019). O objetivo central é demonstrar como autor utiliza recursos e temas clássicos da ficção científica distópica, combinando-os com elementos da literatura de testemunho, de forma singular, para tecer uma forte crítica ao necrocapitalismo, centrado no caso brasileiro. Para isso, será necessário recorrer, principalmente, à estrutura interna do livro, que apresenta uma série de soluções. As referências baseiam-se em Walter Benjamin (2000; 2012), Jeanne Marie Gagnebin (2008; 2009) e Márcio Seligmann-Silva (2003; 2017; 2020).

**Palavras-chave:** Distopia. Memória. Testemunho. A Nova Ordem. Bernardo Kucinski.

---

1 Título em língua estrangeira: "Dystopia, memory and catastrophe in *A nova ordem*, by Bernardo Kucinski".

**Abstract:** This article proposes an analysis of the esthetical composition of *A Nova Ordem*, by Bernardo Kucinski (2019). The central objective is to demonstrate how the author uses resources and classic themes of dystopian science fiction, combining them with elements of testimony literature, in a singular way, to construct a strong critique of necrocapitalism, centered on the Brazilian case. For this, it will be necessary resort, primarily, to internal structure of the book, which presents a variety of solutions, articulated to each other. The references are based on Walter Benjamin (2000; 2012), Jeanne Marie Gagnebin (2008; 2009) and Márcio Seligmann-Silva (2003; 2017; 2020).

**Keywords:** Dystopia. Memory. Literature of testimony. *A Nova Ordem*. Bernardo Kucinski.

*A Nova Ordem*, de Bernardo Kucinski (2019), apresenta um Brasil governado por um novo regime, que se institui no ano de 2019 e opera extensa política de devastação em todos os seguimentos da sociedade brasileira. Conciliando elementos temáticos da tradição de ficção científica com recursos formais próprios, que retomam seus outros livros, Kucinski inscreve nessa narrativa o desenvolvimento de um projeto político extremo, em que Ariovaldo, personagem principal, aprimora gradativamente técnicas de tortura, com o objetivo final de criar “mentes dóceis”, ao controlar a capacidade de sonhar. Com tom fortemente irônico, Kucinski relaciona o presente imediato de composição do livro com o acúmulo de ruínas do passado opressivo brasileiro, projetando no futuro a imagem de um contínuo estado de exceção. A crueza no tratamento do tema, o entrecruzamento da narrativa principal com a de outros personagens e a contundência imagética na articulação entre passado, presente e futuro realizam-se por uma

refinada tecitura estética e ampliam a importância dessa obra para nossos dias.

Neste artigo, proponho explorar como os elementos singulares de *A Nova Ordem* atuam como uma forte crítica ao neoliberalismo fascista, em múltiplos níveis, partindo da compreensão de que a distopia é um gênero “marcado por projetar no futuro a imagem que ela capta ‘com a lupa’ voltada para seu presente” (SELIGMANN-SILVA, 2020, p. 152). *A Nova Ordem*, porém, extrapola a constituição de uma narrativa distópica. Há elementos temáticos e recursos estéticos que se pautam fortemente no teor testemunhal da literatura, o que singulariza essa obra dentro do gênero – e atua em consonância com o projeto literário de Kucinski. Tal aspecto assume a singular forma de uma fotografia, em que Marilda relembra os irmãos. Esse elemento, apenas aparentemente secundário, reforça os efeitos da transposição irônica de nosso passado totalitário ao futuro distópico perpetrado pela Nova Ordem.

Desse modo, na primeira parte, exploro a construção do livro e a constituição da Nova Ordem. É interessante nos determos nas epígrafes e no primeiro capítulo, que apresentam recursos recorrentes do gênero, para depois explorar o desenvolvimento da técnica de dominação dos seres humanos pelo Capitão Ariovaldo e dos planos do Estado Maior. Na segunda parte, observamos como os elementos secundários da narrativa articulam outra leitura, possibilitando que o leitor encontre os rastros de uma família devastada pelo regime, com foco em Marilda, Angelino e Chico Messias.

## O ADVENTO DA NOVA ORDEM

A primeira epígrafe de *A Nova Ordem* é retirada de *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley: “o amor à servidão não pode ser instituído senão através de uma profunda reconstrução da mente e do corpo ser humano” (HUXLEY, 2014, p. 16). Mais propriamente de seu prefácio, escrito em 1946, quatorze anos após a primeira publicação, em que o autor reflete sobre a composição do livro a partir das condições sociais e políticas do imediato pós-guerra, que lhe indicam a problemática do futuro totalitarismo: o “problema da felicidade” – fazer com que “as pessoas amem sua servidão” (HUXLEY, 2014, p. 15). Nessa sequência, identifica quatro aspectos que seriam necessários para essa “reconstrução do ser”: uma técnica de condicionamento aperfeiçoada; uma ciência das “diferenças humanas” capaz de ajustar a todos em uma sólida estrutura hierárquica; alguma forma de fuga da realidade; e, por fim, um infalível sistema de eugenia, “destinado a padronizar o produto humano” (HUXLEY, 2014, p. 16).

O trecho de Orwell reforça esses aspectos e, por sua vez, é da parte 2, capítulo 9, de *1984*: “as massas nunca se revoltam por iniciativa própria e nunca apenas porque são oprimidas; enquanto não lhes for permitido comparar nem sequer se darão conta de que são oprimidas” (ORWELL, 2019, p. 257). É um momento significativo para a narrativa, em que Winston, personagem principal, findada a “Semana do Ódio”, começa a leitura “do livro proibido” de Goldstein. Há uma longa descrição da estrutura política e do avanço histórico de suas condições. É aqui que fica evidente a construção literária de uma “imagem-mundo” possível, irônica, em que, após

o fim do capitalismo na década de 40 e de uma guerra atômica na década seguinte, o mundo se divide em três grandes blocos: Oceânia, Eurásia e Lestásia. Esse advento se dá pela resolução de outros três problemas: como manter a indústria em ação sem aumentar a riqueza real das pessoas, o que se resolve com uma guerra ininterrupta; como descobrir o que as pessoas pensam, sem que elas saibam; e, por fim, como matar centenas de milhões de pessoas de maneira eficiente. Depois desse capítulo, Winston será torturado até o fim do livro. Com isso, Kucinski já anuncia o “jogo irônico” com a história brasileira, como demonstra Márcio Seligmann-Silva (2019), em tomada de posição frente ao discurso oficial dos militares sobre o período de 1964-85.

Os dois trechos centralizam uma questão fundamental: todo o avanço científico da técnica direciona-se para novas formas de controle sobre os corpos e de extinção da vida. São essas mesmas ideias, com soluções diferentes, que percorrem *A Nova Ordem*. É comum que as distopias se apresentem com um início contundente, não somente com as características principais da sociedade que se constrói, mas compondo recursos estéticos que têm por objetivo nos situar nesse mundo. Como no primeiro parágrafo de *Admirável Mundo Novo*, que nos insere em um edifício cinzento, no qual se lê, em maiúsculas, “CENTRO DE INCUBAÇÃO E CONDICIONAMENTO DE LONDRES CENTRAL” e, logo abaixo, o lema do Estado: “COMUNIDADE, IDENTIDADE, ESTABILIDADE” (HUXLEY, 2014, p. 21).

O primeiro capítulo de *A Nova Ordem* intitula-se: “A Nova Ordem proclama seu advento. O Fechamento das Universidades e a Morte do Pensamento Crítico” (KUCINSKI, 2019, p. 8) – e em grande medida rememora e apresenta o episódio histórico

do “Massacre de Manguinhos”. Reúnem-se diversos cientistas, capturados durante a noite, em um galpão abandonado, próximo ao mar. Discutem as últimas teses, com certo desconforto, mas animados, alguns até “envaidecidos” por constarem na “lista dos mais importantes”, “segundo um deles ouvira do tenente que o prendera” (KUCINSKI, 2019, p. 9). Discordam sobre os rumos do país, alguns culpam os “blackblocs”, outros defendem o “capitalismo escravista” dos antigos engenhos de açúcar. O recurso da ironia atinge expressão máxima de autorreferência na conversa de dois literatos sobre obra de Nathan Englander, que satiriza o extermínio de escritores judeus:

— Você acha isso engraçado?

— É que juntaram os escritores num galpão parecido com este aqui e um deles conta que foi preso num bordel, o outro, caindo de bêbado, o terceiro na casa da amante, e assim por diante; é muito divertido; os diálogos são surreais porque eles sabem que dali a pouco serão fuzilados e não dão a menor importância.

Ao ouvirem a palavra fuzilados, alguns catedráticos especulam sobre o que lhes pode acontecer. (KUCINSKI, 2019, p. 15)

O tratamento irônico, enquanto motor de desleitura, reforça a crítica direta ao sistema totalitário e o paralelo com uma série de eventos e discussões que ocorreram no Brasil entre os anos 2016-2019, é evidente. O aspecto “profético” da distopia alcança aqui situações diversas, como: a “lista de detratores”, criada em 2020 pelo Governo Bolsonaro, que foi de certo modo “comemorada” por alguns setores progressistas ao se tornar um símbolo de “status” em redes sociais, como no Twitter. Algumas

com semelhanças sem dúvida imprevisíveis: o chefe do Instituto Butantã é preso durante a produção da primeira vacina nacional – no caso do livro, contra a dengue.

Mas, outras imagens inscrevem o horror de forma mais direta. Em particular, uma delas, já no final do capítulo, quando um coronel chega ao galpão, sobe em um estrado e ordena que os cientistas sigam os soldados:

- O que acontecerá conosco? Pergunta um catedrático ainda jovem, aproximando-se do coronel.
  - Quem é o senhor? Pergunta o coronel.
  - Sou o reitor da Universidade Federal de Santa Catarina.
  - As universidades federais não existem mais, retruca o coronel.
  - E lhe desfere uma coronhada na testa.
- (KUCINSKI, 2019, p. 18-19)

Essa passagem ecoa a morte de Luiz Carlos Cancellier, ex-reitor da Universidade Federal Santa Catarina, que cometeu suicídio após sofrer intensa perseguição política no ano de 2017 – o que impactou fortemente a comunidade acadêmica. Aqui, o reitor recebe uma coronhada. Há, talvez, diferença no método. Mas isso indica o modo como a estrutura da narrativa se vale de situações contundentes de nosso presente imediato, transpondo-as ao possível de nosso futuro próximo. Há um grande distanciamento crítico na utilização desses recursos ao longo da narrativa. O tratamento de uma imagem tão grave de nosso passado recente vem entremeado de outras estratégias, que garantem uma posição ética na leitura.

Nesse sentido, é interessante notar quais as “notas de rodapé” – que são parte integrante da narrativa – escolhidas para esse capítulo e compõem essa “transcrição irônica do passado” (DO AMARAL, 2020). São três: a primeira trata do “Édito 2/2019 da Nova Ordem” (KUCINSKI, 2019, p. 10), que implementa a ECONEC, *Economia-Neoliberal-Coercitiva*, a qual privatiza empresas estatais, extingue o BNDES, o INSS e as agências reguladoras etc.; a segunda versa sobre o “Édito 3/2019 que obriga todo o brasileiro a contrair um ‘Empréstimo-Pessoa’” (KUCINSKI, 2019, p. 12); e a última nota situa o “Édito 14/2019 da Nova Ordem do Ensino Superior” (KUCINSKI, 2019, p. 18), que funde o Ministério da Educação, da Cultura e do Esporte em um único, de “Formação Moral e Cívica”, e extingue as humanidades e as Universidades Federais.

Destaca-se, nesse primeiro capítulo, a base da Nova Ordem: uma economia neoliberal levada ao extremo – e as formas de dominação necessária para sua estabilidade. Há ainda um trecho que corrobora isso, em que um dos cientistas explica diretamente:

- Chame como quiser; eu digo que vivemos um estado excitado do capitalismo que se manifesta sempre que é preciso refrear os avanços do povo.
- Até parece que você está defendendo isso [...]
- Defendendo, não, tentando entender. (KUCINSKI, 2019, p. 15)

O primeiro capítulo, desse modo, insere o advento da Nova Ordem como uma forma exacerbada do capitalismo, que assume forma totalitária sempre que o povo atinge determinadas conquistas. Isso entra em consonância direta com a reflexão de Seligmann-Silva, que recupera o texto de Robert Antelme para análise do filme *Blade Runner 2049*, de Denis Villeneuve (2017),



destacando: “Antelme vê no nazismo a resposta capitalista ao nascimento do proletariado [...] No Brasil tanto o golpe de 1964 como o de 2016 ocorreram quando o ‘pobre’ emergia como ‘proletariado’ com uma pauta de reivindicações” (SELIGMANN-SILVA, 2020, p. 164). Como salienta o crítico, essa já era a percepção de intelectuais como Walter Benjamin, que viam no extremo fascista as mesmas técnicas de dominação centrais do sistema capitalista. Podemos ler o mesmo, por exemplo, em Pachukanis:

O fascismo é fruto do estágio imperialista do desenvolvimento capitalista, no qual este último manifesta traços de estagnação, parasitismo e decadência. Disso decorre que o fascismo não está apto a criar formas que proporcionariam um desenvolvimento a longo prazo. O grande capital, em determinadas condições, vê-se obrigado a declinar dos métodos de organização democrática das massas, bem como da ajuda que lhes prestam os sociais-democratas. (PACHUKANIS, 2020, p. 53)

Proponho, então, desenvolver uma leitura de *A Nova Ordem* em chave benjaminiana: ao apresentar uma sociedade hiperliberal, Kucinski cria um mundo tecnocrático que leva ao extremo uma visão utilitarista de progresso. Isto é, a partir do aprofundamento de um “conceito corrompido de trabalho”, pautado somente na dominação da natureza e dos seres, que se dá pelo avanço de uma técnica opressiva, é possível notar que o autor realiza sua obra apresentando o exacerbamento de determinado conceito de História, em que tudo se transforma em commodity e o objetivo final é a estabilidade do Sistema Financeiro, em detrimento absoluto das condições sociais (BENJAMIN, 2012a, p. 241-252). O que singulariza *A Nova Ordem* é

a construção pautada diretamente no caso brasileiro, que destrincha o nosso perpétuo “estado de exceção”.

É na constituição dos “Éditos da Nova Ordem”, apresentados nas notas de rodapé no livro, que isso fica mais evidente – o “Édito 1/2019, de enorme abrangência, dispõe sobre a Produtividade do Trabalho” (KUCINSKI, 2019, p. 26-27). O primeiro dito da Nova Ordem extingue o Ministério do Trabalho e Emprego, a Justiça do Trabalho, privatiza todas as empresas estatais, declara caducidade das Leis Trabalhistas, do Estatuto da Empregada Doméstica etc. Note-se, como Kucinski registra, o avanço do sucateamento do Estado brasileiro, acirrado após o Golpe de 2016, em referência tanto a resoluções que já ocorreram, como a Reforma Trabalhista no Governo Temer e a extinção do Ministério do Trabalho pelo Governo Bolsonaro (em sua primeira medida), e também situa o discurso bolsonarista que prega o fim de direitos básicos, ainda em andamento, e projeta-o ao futuro.

No livro, refere-se à 22 éditos e todos se constituem desse modo. Os atuais discursos contrários ao Estatuto da Criança e do Adolescente e ao Estatuto de Desarmamento ganham forma, em sua extinção (KUCINSKI, 2019, p. 29); declara-se o aborto crime hediondo, dobrando-se as penas (2019, p. 48); opera-se extensa política de ecocídio (2019, p. 96); substitui-se a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional pelas Diretrizes do Escola Sem Partido (KUCINSKI, 2019, p. 102). Dentro desses aspectos, destaca-se que, para além do aparato militar, Kucinski centraliza outros dois pilares da Nova Ordem: o Agronegócio, como “Édito 5/2019”, que fica conhecido como da “concentração fundiária”, “considerado um dos mais importantes”, que expropria pequenas propriedades para

sua incorporação às de maior área (KUCINSKI, 2019, p. 90-91); e a Igreja Universal do Reino de Jesus, que é instituída religião oficial do Estado (KUCINSKI, 2019, p. 98). O autor não deixa, ainda, de tecer crítica ao Governo Dilma, registrando o avanço dos ataques aos direitos básicos: muitos éditos enquadram os infratores e subversivos na “Lei Antiterrorismo (Lei 13.260/2016)” – reiteração que, sem dúvida, não é fortuita.

É a completa realização de um projeto hiperliberal de tornar o ser humano simples força de trabalho. Mas, como projetar no futuro uma sociedade com tal forma? “Cada época vê a si mesma e sonha o seu futuro em função de suas técnicas” (SELIGMANN-SILVA, 2020, p. 143). O avanço da técnica, em *A Nova Ordem*, orienta-se pelas formas de controle social necessárias para a sua estabilidade, no que podemos considerar o desenvolvimento principal da narrativa: o plano de Ariovaldo para penetrar o inconsciente dos torturados e capturar seus sonhos.

Kafkianamente, no capítulo III (KUCINSKI, 2019, p. 37), Ariovaldo desperta em sobressalto. Teve um pesadelo em que é torturado – acredita que é causado pela tortura da freira. O capitão-médico é responsável pelo “setor de informação da Fábrica”, isto é, pelas sessões de tortura que visam obter informações sobre o “movimento utopístico”, rastreando os subversivos e contrários ao sistema. O pesadelo lhe dá uma ideia: se ele próprio, em sonho, confessou, “por que não aplicar o mesmo método nos interrogatórios?” (KUCINSKI, 2019, p. 39). O utilitarismo do ser humano é aqui levado ao extremo: “Desde a mais remota antiguidade o homem desejou compreender os sonhos para lhes dar alguma utilidade” (KUCINSKI, 2019, p. 39-

40). Não se trata, é claro, de compreender como o sonho constitui o ser, apesar de poder ser um caminho na busca pela verdade; é justamente o oposto, trata-se de transformá-lo em *utensílio* para dominação da vida. E é a partir disso que começa a desenvolver sua pesquisa. A base do pensamento de Ariovaldo, segundo ele mesmo, é a “cientologia” – em provável referência a doutrina criada por Ronald Hubbard, autor de ficção científica, fantasia e autoajuda, que é caracterizada como uma religião.

Do mesmo modo que em *Admirável Mundo Novo*, o método de condicionamento se baseia em Ivan Pavlov: “o suplício não deixa de ser uma aplicação do princípio do reflexo condicionado, só que sem método, sem acompanhamento, sem critério” (KUCINSKI, 2019, p. 58). Se em Huxley esse desenvolvimento já atinge níveis industriais, há aqui como que o início de construção similar. O protocolo inicial de Ariovaldo consiste em três partes. Primeiro, é necessário que o torturado saiba o que irá lhe acontecer, isto é, se o medo é pré-condição do reflexo condicionado, é preciso controlá-lo, então tudo deve ser descrito à vítima. Se isso não funcionar se iniciam as etapas: injeção de soro da verdade; choque nos genitais; estupro ou empalação; suplício de familiares; e, por fim, execução. A segunda parte do plano propõe criar “psicanalistas-informantes”. A terceira prevê a instalação de um laboratório com salas próprias para as etapas de tortura. A freira morre sob tortura e Ariovaldo aproveita esse “acidente” para apresentar seu plano ao Major Humberto, que compreende o “enorme potencial de controle social” e informa que ganharão nova sede, o “Departamento de Operações de Inquisição, subordinado ao Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI)” (KUCINSKI, 2019, p. 82).

Enquanto Ariovaldo desenvolve seu plano de captura dos sonhos e instala o “Laboratório de Pesquisas Psicossomáticas do Sono, sigla LPPS, integrante do Plano Estratégico de Desenvolvimento Social (PEDS)” (KUCINSKI, 2019, p. 88), o Alto Comando da Nova Ordem prepara soluções mais imediatas. Depois de meses de preparação, foi executada a “Operação Quimera”, para exterminar o movimento utopístico. Dez mil pessoas são capturadas e, com isso, é preciso encontrar um modo eficiente de matá-las e ocultar os seus corpos. Entre a opção americana da ricina, fica-se com a chilena: “a ponta da praia”, simplesmente jogá-los no mar, inconscientes e com o peso necessário para que os corpos não retornem à costa. As imagens do passado ficam cada vez mais evidentes conforme a narrativa apresenta os ditames do Estado Maior. Aqui não há elementos de ficção científica, nenhum “avanço da técnica” é necessário, e nisso Kucinski é certo: a base de dominação militar da Nova Ordem é simplesmente a tortura e o apagamento.

O paralelo com o nazismo vem em forma de “solução final”. Ariovaldo, agora Comandante do DOI-CODI, no capítulo XIV (KUCINSKI, 2019, p. 123-129), reúne-se com o General Fagundes, a fim de discutir a “Operação Cândida”: a captura de moradores de rua – que nesse momento são muitas faixas da população. A ordem do General Fagundes é para divulgar a operação na TV, sob nome de “Ação Solidária”. A “transparência” confunde Ariovaldo. “Hoje vivemos uma ordem institucional, a Câmara de Notáveis funciona, o Supremo também, devidamente expurgado, os éditos da Nova Ordem estão incorporados à lei ordinária” (KUCINSKI, 2019, p. 125), prossegue o superior. A Nova Ordem assume forma legal, se institui

como norma. Superada a etapa de “guerra civil” (Fagundes cita as teses de Clausewitz), interessa ao Estado Maior um fim definitivo:

— Ainda não lhe disse o mais importante coronel. Nosso objetivo é ambicioso, de dimensão estratégica. Não se trata apenas de eliminar minorias indesejáveis, queremos adequar a força de trabalho ao novo modo de produção da agroindústria. O Brasil da Nova Ordem não precisa de 210 milhões de habitantes. Basta um mercado interno de 30 milhões de famílias, já que o agronegócio é voltado essencialmente para a exportação. (KUCINSKI, 2019, p. 126)

É a realização do extremo capitalista, “dessa visão utilitarista do trabalho que se estabeleceu de modo paradigmático no nazi-fascismo” (SELIGMANN-SILVA, 2020, p. 156). Em 1984, a guerra sem fim visa destruir os “produtos do trabalho humano” (ORWELL, 2019, p. 241-243), garantindo a escassez necessária para manter a população em um nível de vida que impede o desenvolvimento intelectual. Essa já era a percepção de Benjamin. “Do ponto de vista técnico, [a] formulação é a seguinte: somente a guerra permite mobilizar em sua totalidade os meios técnicos do presente, preservando as atuais relações de propriedade” (BENJAMIN, 2012b, p. 210). A solução em *A Nova Ordem* é mais contundente: a própria ideia de “população” se torna desnecessária. Ailton Krenak faz reflexão similar:

[O capitalismo] vai destruir o mundo do trabalho como conhecemos, e vai dispensar a ideia de população. Essa, para mim, é a próxima missão do capitalismo: se livrar de ao menos metade da população do planeta. O que a pandemia tem feito é um ensaio sobre a morte. É um programa do necrocapitalismo. A desigualdade deixa fora da

proteção social 70% da população do planeta. E, no futuro, não precisará dela sequer como força de trabalho (KRENAK, 2020)<sup>2</sup>.

Posição semelhante também se observa em Achille Mbembe, ao refletir sobre os anônimos do mundo:

Perante os quais o Estado (onde existe), e o próprio mercado, não sabem como actuar: pessoas que não podem ser vendidas como escravas, como sucedeu nos primórdios do capitalismo moderno, nem submetidas à trabalhos forçados, como na época colonial e durante o apartheid, ou depositadas em instituições penitenciárias, à semelhança dos Estados Unidos. Do ponto de vista do capitalismo, tal como funciona nessas regiões do mundo, representam carne humana subjugada à lei do desperdício, da violência e da doença. (MBEMBE, 2014, p. 25)

A *Nova Ordem* é a concretização dessa imagem. O Brasil se torna um imenso campo de trabalho forçado, em que os seres humanos são produtos e seu excesso é descartado. Destaco que é só depois disso que Ariovaldo atinge avanços significativos em sua pesquisa – e seu paralelo com Josef Mengele se reforça.

Ao comparar o sistema nervoso de dois gêmeos, surge a ideia de “suprimir desejos e sentimentos”, criando assim “mentes dóceis” (KUCINSKI, 2019, p. 146-151). Para maior estabilidade da Nova Ordem, é preciso *padronizar* o humano produto e encontrar um modo eficiente de reproduzi-lo. Para isso, cria o “Chip de Customização de Humanos”, implementado em todos os jovens ao concluírem o serviço militar. Fatalmente, a sociedade entra

2 Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/ailton-krenak-proxima-missao-do-capitalismo-e-se-livrar-de-metade-da-populacao-do-planeta/>. Acesso em: 1 fev. 2023.

em colapso: se todos são absolutamente dóceis e obedientes, não há pessoal para os quadros dirigentes. Aperfeiçoa-se o “Chip de Customização de Humanos Dirigentes”, “que permitiu à Nova Ordem a formar uma sociedade harmônica, na qual o povo submete-se prazerosamente às ordens da elite” (KUCINSKI, 2019, p. 164). Atinge-se o “amor à servidão”. Se no início o plano é encontrar uma *utilidade* para o sonho, o fim não poderia ser outro: o chip suprime a própria possibilidade de sonhar e Ariovaldo enlouquece.

Há, portanto, dois movimentos centrais e complementares em *A Nova Ordem*, que se pautam em um amálgama de técnicas e acontecimentos do passado e do presente, projetando-os ao futuro. Em forma extrema, a distopia pode corresponder à proposta de Berenice Bento (2018) para compreensão do biopoder no caso brasileiro: a configuração de uma “necrobiopolítica”. Modulando as propostas de Achille Mbembe, Giorgio Agamben e Michel Foucault, Bento considera que “na história brasileira do Estado, ‘dar a vida e dar a morte’ não podem ser pensados separadamente” (BENTO, 2018, p. 3). *A Nova Ordem* inscreve essa questão. Primeiro, realiza-se uma forma absoluta de “fazer morrer”: o controle biopolítico sobre a escassez que culmina em uma política de morte, no “saneamento demográfico” de 90 milhões de pessoas. Depois, criam-se formas determinadas de “fazer viver”: de *conformar a vida* ao Sistema; de padronizar os corpos; de garantir formas de vida que sejam adequadas ao Mercado e ao poder dominante.

## A FOTOGRAFIA DE MARILDA E OUTROS RECURSOS ESTÉTICOS

Ainda na esteira de Seligmann-Silva, proponho centralizar o “teor testemunhal” desta obra, considerando que essa força “advém



justamente do fato de ela ser fictícia” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 375). O caso mais impactante é o de Cancellier. Kucinski atinge esse teor a partir de recursos estéticos que reproduzem, na obra, as técnicas de exceção, o apagamento dos corpos e uma constituição temporal que permite dupla leitura: entre um “tempo vazio e homogêneo”, no qual a Nova Ordem se inscreve, e uma “suspensão messiânica dos acontecimentos”, em que nosso passado, presente e futuro nos são apresentados como um choque (BENJAMIN, 2012a). Desse modo, o conteúdo distópico dessa “ficção política” – como é categorizado – engendra um processo de rememoração de nossa história recente. Cada recurso se justapõe a outros, mas articulam uma unidade no livro. Mas há um recurso central, que organiza esses elementos e potencializa o efeito literário da obra – em um choque de reconhecimento da violência.

O ponto principal ocorre na história paralela a de Ariovaldo – a dos outros personagens da narrativa. Em um primeiro momento parece secundário, apenas nos são apresentados outros elementos da sociedade na Nova Ordem, dentro do que se espera de uma distopia: o “dia oficial de compras”, imagens da estrutura social, pormenores de operações. Mas há determinados *rastros* de relações entre os personagens, que geram um efeito completamente diferente no livro. E isso assume forma sintomática: uma fotografia, em que Marilda, esposa de Ariovaldo, relembra a mãe e os irmãos. Isso se dá no capítulo IV (KUCINSKI, 2019, p. 45-48). A aparente desconexão com a narrativa central – inserido logo após o capítulo em que Ariovaldo tem a ideia de “captura dos sonhos”, que perseguirá até o fim –, e a construção próxima ao esperado das referências da distopia podem encobrir a importância desse movimento para o leitor do livro.

Kucinski abre um “espaço de jogo” com o leitor, e é seguindo esses rastros que podemos perceber que a narrativa talvez se constitua em torno de uma única família.

Começo pelos mais evidentes. Marilda tem doze irmãos, todos os homens têm nome de santo e todas as mulheres de Maria – na verdade, menos ela e Angelino, que são variações. Angelino é nosso herói trapeiro (BENJAMIN, 2000) – é mesmo o Anjo, que lhe vem em nome, da história. É apresentado logo no capítulo II (KUCINSKI, 2019, p. 24), em que reflete sobre o avanço da Nova Ordem a partir dos restos: “pelo lixo também dá para contar a história dessa maldita Nova Ordem” (KUCINSKI, 2019, p. 25). Nessa relação, Kucinski não deixa dúvidas: Angelino é reiteradamente apresentado como engenheiro (KUCINSKI, 2019, p. 24; 29; 47). Seu paralelo pode ser com Montag, de *Fahrenheit 451* (BRADBURY, 2007): cata os livros, agora proibidos, do lixo e vende na reciclagem. É ele quem, no penúltimo capítulo de *A Nova Ordem*, encontra um revólver em uma lixeira, vaga pela cidade notando o desaparecimento dos moradores de rua e atira no General Fagundes (KUCINSKI, 2019, p. 172), na calçada do apartamento de Marilda (com a qual Fagundes tem um caso).

Marilda relembra outro irmão, o Francisco. Com o advento da Nova Ordem, nunca mais viu o “Chiquinho” (marca que se repete duas vezes no mesmo parágrafo). Virou soldado, mas era inteligente demais, deveria ser cientista. Quem descarta o revólver que Angelino encontra – um Taurus (KUCINSKI, 2019, p. 98; 167) – é o Sargento Messias, no capítulo XI (KUCINSKI, 2019, p. 167-172), ao desertar no meio de sua missão secreta, parte da Operação Capela – para a qual foi escolhido, como espião, por

sua inteligência singular. A mãe insistia que Chiquinho fosse padre e o Sargento é reconhecido por seu conhecimento religioso, que o permite identificar com mais facilidade padres “subversivos”. Kucinski marca esse fato duas vezes: Chico Messias (KUCINSKI, 2019, p. 104). Ambos, Marilda e Francisco Messias, têm uma irmã que não conheceram e que virou freira (KUCINSKI, 2019, p. 44; 97): Madre Superiora Maria Aparecida, que vive em clausura e dirige um orfanato, parte da Congregação das Irmãs da Imaculada – ordem franciscana e carismática, alinhada à Teologia da Libertação. Não sabem o que ocorreu com ela, já que mudou de nome ao entrar para a congregação.

Ariovaldo chefia a tortura da Madre Superiora Maria Aparecida da Paixão de Cristo (KUCINSKI, 2019, p. 52; 75), responsável por um convento e diretora de orfanato, de onde saíam “santinhos” com textos “subversivos” – Angelino encontra vários deles em seu primeiro capítulo. Outro apagamento: durante setenta e cinco páginas a freira está sob tortura e tudo que sabemos sobre isso é o que pensa Ariovaldo. Seriam todos eles irmãos? A dúvida, ao menos, parece enlouquecer Chico Messias.

Há aqui um elemento muito contundente, ao resgatar esses rastros: nos remete aos procedimentos de *K. - Relato de uma busca* (KUCINSKI, 2016) e atinge diretamente o leitor, já que apenas ele é capaz de recuperar a memória que essa fotografia guarda – os personagens ignoram todas essas relações. Esses recursos reforçam o teor testemunhal da obra e seus efeitos literários.

Há imagens que se apresentam ao leitor de uma forma indireta, e é isso que lhes garante potência. Apesar das inúmeras referências

diretas aos acontecimentos, isso já indica, logo no início do livro, que há algo além em toda essa construção. Isso se reforça em outro dispositivo: durante todo o livro, apresenta-se somente uma parte da estrutura da Nova Ordem, os militares. Sabemos, pela leitura dos éditos, que a estrutura social se baseia em outros dois pilares: o Agronegócio e a Igreja Universal. Podemos supor que há outras formas de controle social, mas há aqui um apagamento dos verdadeiros donos do poder. Além disso, na maior parte do livro, acompanhamos o percurso de um militar. Esse é um procedimento distante das distopias clássicas, em que geralmente o personagem principal é um insatisfeito que, aos poucos, torna-se subversivo e inimigo da ordem vigente, resistindo aos seus ditames.

A própria configuração da “linguagem” que há no livro também reforça esse teor. Por vezes, os escritores de ficção científica criam um novo idioma, ou reconfiguram a fala cotidiana, para atingir determinados efeitos, como o estranhamento inicial do *nadsat*, em *Laranja Mecânica* (BURGESS, 2012). Kucinski não vê necessidade de criar outra linguagem, baseia-se apenas nos conhecidos eufemismos do poder totalitário: fala-se em “saneamento”, “adequação demográfica”, “ação solidária” para apresentar os massacres e assassinatos. Como já descrito por Primo Levi (2016), essa “objetividade” e hipocrisia também tem função de iludir as vítimas, de ocultar determinado horror da função dos algozes e da realidade do que ocorria nos campos de extermínio. É uma tática de memoricídio, como explica Jeanne Marie Gagnebin (2009, p. 39-48). Isso é tão importante na narrativa que Kucinski separa uma “nota de rodapé” (KUCINSKI, 2019, p. 63) para destacar o procedimento do Estado Maior na escolha do nome do movimento subversivo.

Aliado ao tom irônico, esse recurso se multiplica na quantidade de siglas, de departamentos, de cadastros, criados pela Nova Ordem – que se referem de modo intrínseco ao caso brasileiro.

Podemos compreender a composição das “notas de rodapé” como certa “documentação da barbárie” (GAGNEBIN, 2008). Isto é, elas registram, mesmo em avanço temporal futurista, o desenvolvimento sociopolítico da Nova Ordem, acentuando o efeito de realidade. São apenas duas notas que diferem de seu conjunto, isto é, que não apresentam éditos: a que refere ao movimento utopístico, citado acima, e a penúltima, que diz: “Nossa história já terminara havia anos quando a Nova Ordem introduziu uma terceira etapa de reprogramação do chip” (KUCINSKI, 2019, p. 164). Situa o narrador, que registra o desenvolvimento da Nova Ordem, em determinado futuro. Isso chama a atenção do leitor para algo de insólito que há na temporalidade de *A Nova Ordem*.

Principalmente da metade do livro para frente, o tempo acelera. Os planos de extermínio do Estado Maior e o andamento da pesquisa de Ariovaldo, afinal, requerem tempo. Há muitas marcações que indicam o avanço temporal: “cinco semanas transcorrem”; “passados poucos meses mais” etc. E não há nada de estranho nisso até o desfecho secundário da narrativa dos outros personagens. Em determinado momento, o Sargento Chico Messias, em desespero pela própria ação, como dito, deserta. Entra em São Paulo, pela noite, e atira seu revólver em uma lata de lixo. Estamos no capítulo XI (KUCINSKI, 2019, p. 93), na metade do livro, e Ariovaldo ainda nem vislumbra a possibilidade de suprimir desejos e sentimentos. Na parte da narrativa da Nova Ordem e de Ariovaldo, o tempo transcorre e, no capítulo XX (KUCINSKI, 2019,

p. 161) passam-se dois anos. É no capítulo seguinte, XXI, porém, que Angelino encontra o revólver de Chico Messias, e Kucinski não deixa margem para dúvidas de que o tempo não transcorreu: o revólver “parecia novo”, estava “bem à vista”, seu aço “reluzia”, sua empunhadura “brilhava” (KUCINSKI, 2019, p. 167). Isso desestabiliza a leitura. Talvez possamos desdobrar uma dupla interpretação desse recurso.

Por um lado, é como se o tempo fosse “vazio e homogêneo”. Isso seria um desenvolvimento lógico da narrativa, isto é, como Benjamin (2012a, p. 246) salienta em suas teses sobre a História, uma visão da técnica que se pauta somente na dominação da natureza e dos seres humanos e entende essa destruição como progresso, tendo por base a percepção de um tempo vazio e homogêneo – uma lenta, mas linear evolução das formas de domínio. Por outro lado, mas também exatamente por isso, opera como uma “suspensão temporal dos acontecimentos”, ou seja, coloca em relação nosso passado e nosso presente (atingindo o futuro pela chave da distopia), os quais reforçam o teor testemunhal da obra e oferece uma possibilidade de resistência ao nosso tempo presente. Um rememorar do passado e uma visão do fim do projeto futuro.

Kucinski embaralha mais as coisas com um último dispositivo, mais próximo de Kafka e de Machado de Assis. Com a impossibilidade de sonhar, Ariovaldo enlouquece e é internado no Hospital Central do Exército, “onde se encontra *até hoje*, sofrendo alucinações”:

Nesses surtos escreve freneticamente horas e horas, às vezes até dez horas seguidas. Não se sabe o que escreve. Nunca deixou que seus escritos fossem lidos. O rumor mais persistente é o de que se auto-injeta com doses cavaleares de melatonina

que o fazem dormir profundamente e, assim que desperta, põe-se a escrever o que sonhou. (KUCINSKI, 2019, p. 175-176)

A primeira palavra de *A Nova Ordem* é “anoitece” (KUCINSKI, 2019, p. 9). Isso, de imediato, corresponde ao avanço do totalitarismo, mas, no fim do livro, se torna um jogo com o leitor, como se toda a constituição da Nova Ordem fosse um pesadelo de Ariovaldo. Kucinski, assim, força o nosso “despertar”.

## CONCLUSÃO

Há um processo vertiginoso em *A Nova Ordem*: somos inseridos em um espaço de ruína, em que os referenciais se confundem, mesclam-se, desenvolvem-se em novas formas. Kucinski, observando o presente com uma lupa, leva às últimas consequências o projeto que se institui no Brasil desde o golpe de 2016 e se acirrou com a eleição de Bolsonaro. Como se o lento desmonte de nosso Estado e de todos os direitos básicos, de tudo aquilo que não objetiva diretamente a dominação da vida, que ocorreram nos últimos anos e que prevemos para o futuro próximo, fosse instituído de uma única vez. A forte ironia pode levar o leitor, inclusive, a recorrer ao *Google*, para pesquisar se determinada extinção de direito fundamental já ocorreu ou não.

O recurso das imagens distópicas e dos elementos de ficção científica reforçam a singularidade da obra. Não se trata apenas de projetar um futuro de dominação dos seres humanos, mas de trilhar o caminho da devastação tendo como ponto de partida o passado e o presente de exceção. Ao situar o personagem principal como um militar, Kucinski modifica a estrutura clássica do gênero, o que se reforça ao inserir recursos estéticos que são

mais utilizados em narrativas de testemunho. Há uma série de apagamentos, de táticas de memoricídio, que são reproduzidas por Kucinski a partir de uma composição estética bastante intrincada. Com isso, a obra atinge um teor testemunhal singular, pois diverso, ainda que complementar, tanto das obras que cita quanto de seu próprio projeto literário.

Não é difícil imaginar o mundo criado por Kucinski, pois, ao menos em parte, ele já é o nosso. Um mundo em que milhões são sacrificados em nome do “Progresso”. Mas Kucinski centraliza uma questão fundamental: é o avanço desenfreado das formas de dominação da natureza e dos seres, em prol de um conceito corrompido de progresso e de trabalho, que culminam no fim absoluto da vida humana. Leva ao fim extremo determinada concepção de pensamento, de História, que transforma tudo em objeto e descarta aquilo que não tem mais “utilidade”. No centro dessa crítica, urge a necessidade de novas formas de pensamento, de convivência com a natureza e com os seres humanos.

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. A Modernidade. In: BENJAMIN, Walter. *A modernidade e os modernos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: obras escolhidas I*. São Paulo: Brasiliense, p. 241-252, 2012a.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: obras escolhidas I*. São Paulo: Brasiliense, p. 179-212, 2012b.

BENTO, Berenice. Necrobiopoder: Quem pode habitar o Estado-nação?. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 53, e.185305, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18094449201800530005>. Acesso em: 01 fev. 2023.



BRADBURY, Ray. *Fahrenheit 451*. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Globo, 2007.

BURGESS, Anthony. *Laranja mecânica*. Tradução de Fábio Fernandes. São Paulo: Aleph, 2012.

DO AMARAL, Flora Viguini. Não sonho mais: autoritarismo e corpos submissos em *A Nova Ordem*, de B. Kucinski. *Todas as musas*, ano XII, n. 1, 2020.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Documentos da cultura: documentos da barbárie. *Ide – psicanálise e cultura*, São Paulo, n. 46, v. 31, jun., 2008.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Verdade e memória do passado. In: GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, p. 39-48, 2009.

HUXLEY, Aldous. *Admirável Mundo Novo*. Tradução de Vidal de Oliveira. São Paulo: Globo, 2014.

KUCINSKI, Bernardo. *K – Relato de uma busca*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

KUCINSKI, Bernardo. *A Nova Ordem*. São Paulo: Alameda, 2019.

LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes*. Tradução de Luiz Sérgio Henriques. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

MBEMBE, Achille. *Sair da grande noite*: ensaio sobre a África descolonizada. Luanda: Edições Mulemba, 2014.

OLIVEIRA, Thais Reis de. Ailton Krenak: A próxima missão do capitalismo é se livrar de metade da população do planeta. *Carta Capital*, 31 dez., 2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/ailton-krenak-proxima-missao-do-capitalismo-e-se-livrar-de-metade-da-populacao-do-planeta/>. Acesso em: 01 fev. 2023.

ORWELL, George. *1984*. Tradução de Alexandre Hubner e Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

PACHUKANIS, Evguiéni. *Fascismo*. São Paulo: Boitempo, 2020.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. O testemunho: entre a ficção e o “real”. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). *História, memória, literatura*. São Paulo: Editora Unicamp, p. 371-386, 2003.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Pensando o tempo na Nova Ordem*: Sobre as verdades da ficção e a necessária organização do pessimismo. XVI Congresso Internacional da ABRALIC, Universidade de Brasília (UnB), 2019.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Reprodução técnica e a crise de renovação da humanidade: ficção científica como crítica dos fascismos. *In: SOUZA, Timm de et. al. Walter Benjamin: barbárie e memória ética*. Porto Alegre: Zouk, p. 143-167, 2020.